

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)  
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

## PRIMEIRA VERSÃO

ANO VI, Nº 236 - DEZEMBRO - PORTO VELHO, 2008.  
VOLUME XXIII - Set/Dez  
ISSN 1517-5421

Desenho da Capa: Flávio Dutra

EDITOR  
**NILSON SANTOS**

### CONSELHO EDITORIAL

**ALBERTO LINS CALDAS** - História - UFRO  
**CLODOMIR S. DE MORAIS** - Sociologia - IATTERMUND  
**ARTUR MORETTI** - Física - UFRO  
**CELSO FERRAREZI** - Letras - UFRO  
**HEINZ DIETER HEIDEMANN** - Geografia - USP  
**JOSÉ C. SEBE BOM MEIHY** - História - USP  
**MARIO COZZUOL** - Biologia - PUC-RGS  
**MIGUEL NENEVÉ** - Letras - UFRO  
**ROMUALDO DIAS** - Educação - UNICAMP  
**VALDEMIR MIOTELLO** - Filosofia - UFSC

Os textos no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775  
CEP: 78.900-970  
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES  
EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

# PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

*lathé biosa*

**236**



Bruno Latour

Folha de São Paulo, Caderno Mais!, Domingo, 28/03/1999

Há séculos que um mito fundador organiza as relações entre os ocidentais e a política. Trata-se do mito da caverna, de Platão, que todo estudante aprende, seja na escola, seja na universidade. A narrativa, que faz do Sócrates da "República" o inventor do cinema de Hollywood nome próprio que de resto designa, não nos esqueçamos, a "bosque de azevinhos" dos povos americanos!, já foi recontada diversas vezes: prisioneiros das aparências, acorrentados aos bancos de um anfiteatro, sem possibilidade de desviar a visão, os "clientes" olham para uma tela em que está a projeção de formas cuja origem eles não vêem e que tomam, portanto, pela realidade.

Só o filósofo, bem-sucedido em romper seus laços, se subtrai à contemplação dessa "câmara obscura" para ir ver no local técnico a verdadeira origem dessa produção espetacular. Ele passa da aparência à realidade e compreende que seus infelizes compatriotas permanecerão para sempre prisioneiros das aparências. Quando retorna, após ter conhecido a claridade do Sol, e explica a eles sua existência do lado de fora da sala de cinema, um mundo de verdade, os prisioneiros riem-se dele e o condenam à morte como um profeta da desgraça, como um outro Cristo.

Tem-se frequentemente criticado esse mito devido a seu idealismo. As pessoas se riem de Sócrates e de Platão devido à confiança ilimitada que depositavam na busca das idéias, modelos de todas as sombras projetadas. Desprezou-se o engano pelas aparências que o mito implicava. Ao platonismo, pretendeu-se responder com um saudável materialismo. Contra o gosto exagerado pelas essências, pretendeu-se, à maneira de Nietzsche, contentar-se com as aparências.

Ora, ao criticar Platão por seu apelo a uma transcendência inútil, age-se como se ele tivesse descrito com propriedade o mundo inferior no qual estaríamos imersos. Se é preciso criticar o mito, não é por seu idealismo, mas, ao contrário, por sua total inverossimilhança quanto à descrição que faz do "mundo inferior".

Para começar, inverossimilhança sociológica. Como imaginar que o mundo social possa ser composto de indivíduos isolados, incapazes de se ver, de se tocar, de falar entre si, de se deslocar e no qual cada um está acorrentado a seu lugar, impossibilitado de verificar por si mesmo aquilo de que são feitas as aparências que se projetam diante dele? Mesmos os adolescentes tornados amorfos diante da televisão aquilo que os norte-americanos chamam "couch potato" são mais ativos do que isso. Um grupo de seres humanos fechado em uma caverna escura iria se falar, se tocar, discutir, ferir-se, apalpar a tela e compreender o ardil em menos de um minuto. "É isso, estamos no cinema; e se nos acomodarmos de novo confortavelmente em nossas poltronas para aproveitar o filme, será voluntariamente, a fim de desfrutar o jogo das aparências, e não porque ignoremos a existência de um mundo exterior, do outro lado da tela".

Isso que o filósofo pretende fazer passar por uma narração tão trágica quanto a Paixão, o simples bom senso em um instante despacha. Toda a beleza do mito, toda a tormentosa narrativa da fratura em relação às aparências, da escalada em direção ao céu das idéias, de queda heróica e morte, depende inteira e unicamente da inverossimilhança sociológica em que é preciso manter esse pobre povo. Esse não pode ser salvo por um filósofo-Cristo a um preço menor do que permanecer nas trevas, fixo, prisioneiro, atomizado, mantido em um estado de estupidez e abjeção de que nenhuma vida social (tanto animal como humana) dá idéia. Dito de outra forma, sem uma concepção sociológica da vida em comum particularmente inepta não existe contraste possível entre o filósofo santo e profeta e o homem comum. Imagine um Sócrates que voltasse à Terra e fosse interromper uma sessão do "Titanic", explicando que aquilo é apenas aparência vã, não mais espessa do que a imagem sobre a tela. Ele seria enxotado a tapas, é bem verdade, por ter estragado o espetáculo. Ele se vangloriaria, acreditando que as pessoas lhe bateram porque viera denunciar a falsidade das ilusões, para nos fazer ascender à realidade plena e inteira. Falando agora com mais cruza: o platonismo não funciona a não ser que mergulhe as pessoas comuns em uma abjeção sem par. Mas quem teria encarcerado o povo na caverna? Platão. Ele não poderia salvá-los sem antes tê-los ele mesmo aprisionado... É tempo de terminar com essa duplicidade que passa por mais alta moralidade.

Platão não peca por idealismo, mas por sociologismo, por "abjetismo", poderíamos dizer (coisa engraçada: a maioria dos sociólogos o seguiram nessa visão pouco verossímil do mundo social). Por que, diríamos, imaginar um mundo social tão pouco realista? Porque permite a outra operação: a verdadeira inverossimilhança, a que explica a potência do mito. Quando o filósofo ascende ao céu das idéias, ele o faz só, sem levar consigo nenhum elemento do mundo social cruel e corrompido, e se chega à realidade plena, isso se deve a uma conversão radical, a um abandono de todos seus antigos laços. É porque o infeliz povo permanece absolutamente alienado de todo acesso à realidade que o filósofo, quando ascende a ela, está totalmente desligado do povo, absolutamente virgem de toda contaminação pelo social!

A epistemologia não tem sentido a menos que antes se imagine uma sociologia. A idéia inverossímil de que seria possível chegar à realidade por uma espécie de conversão radical que nos arrancasse do social não é nem sequer pensável se não se tiver antes a idéia de um social infernal. Todo o debate atual sobre a "guerra das ciências", sobre os perigos do pós-modernismo, sobre o que se chama o "caso Sokal", depende de um arranjo prévio entre sociólogos e epistemólogos para que todos reativem o mito da caverna: de um lado, o inferno social e, de outro, a realidade plena e inteira.

Entre ambos, uma conversão na partida e outra na volta: esquece-se sempre que o filósofo, tornado nesse ínterim um cientista, torna-se capaz de passar sem grande problema do inferno da caverna ao céu das idéias e deste retornar para pôr ordem no inferno social, graças aos conhecimentos que obteve na viva claridade do sol. Para registro: nenhum cientista atual é condenado à morte quando vai de um mundo a outro: se é que se converte, isso não é observado e ele não parece com isso sofrer! Se ele pode, na volta, ditar as regras aos escravos prisioneiros das aparências, isso se deve em parte a estes tomarem as sombras por realidade e, em parte, porque ele, e ele apenas, dispõe das leis naturais que não vêm contaminadas por qualquer marca social. Sem o absurdo da sociologia, não é possível

nenhum sonho de grandeza da epistemologia. O direito do filósofo-cientista de ditar suas leis ao mundo social não é possível a menos que ele tenha tido acesso ao céu das idéias sem nenhuma ajuda desse mesmo mundo social. É mesmo preciso lembrar disso, depois de quase 25 anos de "science studies", isto é, da descrição meticulosa da atividade científica? A descrição do cientista em contato com a realidade plena e inteira é tão pouco verossímil quanto a imagem de um mundo social assimilado ao inferno da caverna. Sem instrumento, sem colega, sem artigo, sem corpo, sem realidades intermediárias, sem mediação, nenhum cientista seria capaz de ascender a qualquer realidade verificada e durável.

Se os cientistas têm horror ao mundo social, a ponto de dele quererem se destacar para ascender ao mundo real, isso se deve unicamente a essa idéia bizarra do social a eles dada pelo mito platônico e que os leva a crer que seria necessário se desligar do social para começar a pensar verdadeiramente. É inútil debater para saber se se deve dar ou, pelo contrário, recusar uma "explicação social" da atividade científica. A questão se revelaria novamente em crer, primeiramente, na sociologia da caverna e, em segundo lugar, na epistemologia da conversão fora da caverna e, em terceiro lugar, na tentativa de explicar a segunda a partir da primeira.

Tentativa fadada ao paradoxo, pois é tornada voluntariamente impossível pelo trabalho de Platão e de seus êmulos. Diante de todas as discussões vãs, não existe senão uma forma de sair: de forma alguma penetrar na caverna. Sim, é tempo de os ocidentais, enfim adultos, saírem das cavernas e proclamarem diante de todos esses debates entre sociólogos e epistemólogos: "Mas, enfim, senhoras e senhores, não estamos mais na Idade das Cavernas e outros objetivos importantes nos aguardam a partir de agora!".

## VITRINE

### SUGESTÃO DE LEITURA

#### **A VOZ DO PASSADO: HISTÓRIA ORAL**

**PAUL THOMPSON**

Paz e Terra

**RESUMO:** A história oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da lingüística e da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação, pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais, e pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras.

**SUMÁRIO:** História e Comunidade; Historiadores e história oral; A contribuição da história oral; Evidência; A memória e o eu; Projetos; A entrevista; Armazenamento e catalogação; Interpretação: a construção da história.

**Áreas de interesse:** Letras, História, Lingüística.

**Palavras-chave:** memória, oralidade, história oral.

